

O Pseudo-Dionísio Areopagita e sua influência doutrinal sobre a mística do Carmelo Descalço

WASHINGTON BARBOSA DA SILVA¹

Resumo: *De Coelesti Hierarchia (Sobre a Hierarquia Celeste)*, *De Ecclesiastica Hierarchia (Sobre a Hierarquia Eclesiástica)*, *De Divinis Nominibus (Sobre os Nomes Divinos)* e *De Mystica Theologia (Sobre a Teologia Mística)* são os Tratados que constituem o *Corpus Dionysiacum* deixados pelo Pseudo-Dionísio Areopagita, autor da Patrística grega do V século cristão. O Pseudo-Dionísio se propôs em mostrar o caminho da divinização do homem por meio do conhecimento de Deus, seja pelos sinais (*Teologia Simbólica*), seja pelo discurso intelectual (*Teologia afirmativa*), seja pela obscuridade da fé (*Teologia Místico-negativa*). Essa sua doutrina é espiritualmente substanciosa e profunda, provendo a séculos inteiros com uma gama de místicos ao cristianismo. Foi o que ocorreu durante as mudanças significativas na Igreja da Espanha medieval, servindo de alimento espiritual a personagens como Santa Teresa D'ávila e São João da Cruz. E, na contemporaneidade, às inquietações existenciais de Santa Edith Stein.

Palavras-chave: Pseudo-Dionísio; Patrística; Teologia Mística; Carmelo Descalço.

1. Graduado em Filosofia e Teologia pela PUC – Minas. Pertence à Ordem dos Carmelitas Descalços na Província São José, Sudeste do Brasil.

Abstract: *De Coelesti Hierarchia* (About Celestial Hierarchy), *De Ecclesiastica Hierarchia* (About Ecclesiastic Hierarchy), *De Divinis Nominibus* (About Divine Names) and *De Mystica Theologia* (About Mystical Theology) are the Treaties that comprise the *Corpus Dionysiacum* left by the Pseudo-Dionysius Aeropagita, author of the Greek Patristic of the fifth christian century. The Pseudo-Dionysius strived to show the way to divination of man through the knowledge of God, by the signs (*Symbolic Theology*), by intellectual speech (*affirmative Theology*), by obscurity of faith (*negative-Mystic Theology*). His doctrine is spiritually substentious and deep, providing whole centuries with a range of mystics to Christianity. That's what happened during the profound changes in the Spanish Medieval Curch, providing spiritual nurturing to characters such as Saint Theresa D'Avila and Saint John of the Holy Cross. And, in the current times, to the existential restlessness of Saint Edith Stein.

Keywords: Pseudo-Dionysius; Patristic; Mystic Theology; Discalced Carmelite.

Riassunto: *In Coelesti Hierarchia* (Sulla gerarchia celeste), *De Ecclesiastica Hierarchia* (Sulla gerarchia ecclesiastica) *Da divinis nominibus* (Sui nomi divini) e *De Mystica Theologia* (Sulla Teologia Mistica) sono i trattati che costituiscono il *Corpus Dionysiacum* lasciatici dallo Pseudo-Dionigi Areopagita, autore della patristica greca del V secolo cristiano. Lo Pseudo-Dionigi ha proposto di mostrare il percorso di deificazione dell'uomo attraverso la conoscenza di Dio, sia dai segni (*Teologia simbolica*), sia dal discorso intelletivo (*Teologia affermativa*), sia dall'oscurità della fede (*Teologia Mistico-negativa*). Questa dottrina è spiritualmente sostanziale e profonda, fornendo per molti secoli una serie di mistici al cristianesimo. Questo è ciò che accadde durante i cambiamenti significativi nella Chiesa della Spagna medievale, servendo come cibo spirituale per persone come Santa Teresa d'Avila e San Giovanni della Croce. E nei tempi contemporanei, le ansie esistenziali di Santa Edith Stein.

Parole chiave: Pseudo-Dionigi; Patristica; Teologia mistica; Carmelo Scalzo.

Introdução

O autor do *Corpus Dionysiacum* foi associado, por muito tempo, àquele grego convertido por São Paulo em sua falida pregação no areópago ateniense relatada no livro bíblico dos Atos dos Apóstolos 17,34. O Pseudo-Dionísio, mesmo tendo seu nome incógnito, não desmereceu a literatura que deixou de grande valor patristico, filosófico e místico.

A propósito de esclarecimento, foram utilizados no corpo do presente texto vários vocativos pelos quais se evoca o mesmo autor

do *Corpus Dionysiacum*: Dionísio, Pseudo-Dionísio, Pseudo-Areopagita, Areopagita, Pai da mística. Ação propositada para que o discurso tivesse maior fluidez. Todavia, permanece a clareza do pseudônimo desse autor.

Na primeira seção, se exporá o contexto histórico-cultural e a Doutrina do Pseudo-Dionísio. A seguir, será apresentado seu *Corpus* e, descerrando sua grande riqueza patrística, se fará perceber por que recebeu a fama de Pai da mística cristã.

Encerrando o artigo, como segunda proposta da pesquisa, será exposta a influência dionisiana sobre os principais expoentes do Carmelo Descalço: Santa Teresa de Jesus de Ávila e São João da Cruz – autores espanhóis que deixaram rica herança literária oriundas de suas experiências místicas. A proposta do Pseudo-Areopagita não influenciou apenas os místicos do Carmelo da época áurea espanhola, se fazendo presente também na contemporaneidade; é o caso da intelectual, e também carmelita, Edith Stein, que aprofundou o pensamento dionisiano em sua vida e obras. Essa autora aduz que o Areopagita é um dos mais influentes, se não o mais influente dos Padres gregos.

1. O pseudo-dionísio areopagita: contexto histórico e doutrina

Autor do final do século V do cristianismo, Dionísio, intitulado o Areopagita, foi declarado como sendo o ateniense convertido por São Paulo em sua falida pregação no areópago: “Ao ouvirem falar da ressurreição dos mortos, alguns começaram a zombar [dele]. Foi assim que Paulo retirou-se do meio deles. Alguns homens, porém, aderiram a ele e abraçaram a fé. Entre esses achava-se Dionísio, o Areopagita”². Dionísio, em seu escrito *DN 3.681 A*, se autoriza como discípulo de Paulo e Hieroteu (pseudônimo de Proclo): “*Foi ele meu principal mestre depois de São Paulo*”.

O epíteto *Dionísio Areopagita*, que recebeu o autor do *Corpus Dionysiacum*, foi aceito até a *Renascença*, afirma Spanneut³. O “discípulo” de Paulo foi mencionado, pela primeira vez, pelos monofisistas

2. At 17,32a.33-34a.

3. Cf. Michel SPANNEUT, *Os Padres da Igreja: séculos IV – VIII*, 2002.

severianos e por Hipásio, bispo de Éfeso, em Constantinopla (532). Seus escritos foram tidos como apostólicos, já que seu mestre havia sido São Paulo – como criam os fiéis –, sendo logo utilizados na liturgia oriental, porque autoridade reconhecida pela Igreja desde o século VI⁴.

No Ocidente, a partir do século IX ao século XVI, foi considerado como grande vulto, e seus escritos eram solicitados quando ocorriam controvérsias espirituais e de fé⁵. No entanto, segundo Moreschini, nomes como Lourenço de Valla e Erasmo de Roterdã colocaram em xeque a veracidade do autor do *Corpus Dionysiacum*. Não obstante, igual incerteza trouxe à tona verdades sobre o autor e as obras dionisianas: “O Pseudo-Dionísio era um cristão de origem siríaca que nos últimos decênios do século V e início do século VI seguiu em Atenas as lições de Proclo e de Damásio. Como foi observado, no final do século V a escola neoplatônica de Atenas era frequentada por numerosos sírios”⁶.

O pensamento dionisiano é marcado pela presença do neoplatonismo, mais pontualmente o pós-plotiniano de Porfírio, de Proclo e de Damásio. Sobretudo, são os pensamentos dos Padres capadócijs, de São Clemente, de Orígenes e de Teodoreto, nos quais o Areopagita se baseia. A teologia pseudo-dionisiana se qualifica sobre nove pontos, e está pulverizada em seus tratados e epistolário: Os momentos da Permanência, da Processão e do Retorno divinos; os aspectos da *Processão*; a exegese do *Parmênedes*; o método positivo e negativo; as propriedades negativas da *moné*; a lei de Proclo sobre as negações; a doutrina do Um-Tudo; a doutrina trinitária; e a cristologia⁷. Seguem explicitação de algumas.

Os momentos da Permanência, da Processão e do Retorno divinos. A Permanência (*moné*) é o momento absoluto e transcendente de Deus, Primeiro princípio ou Causa universal, que permanece em si mesmo. A *Processão* (*próodos*) é a emanação da potência infinita do

4. Cf. Teodoro H. Martin LUNAS, Introducción, in PSEUDO-AREOPAGITA DIONISIO, *Obras completas del Pseudo Dionisio Areopagita*, 1995.

5. Cf. Edith STEIN, “Camino del conocimiento de Dios: la ‘teología simbólica’ del Areopagita y sus presupuestos objetivos”, in _____, *Obras completas V: Escritos espirituales*, 2004.

6. Claudio MORESCHINI, *História da filosofia patrística*, 2008, p. 721.

7. Cf. *Idem*, p. 729-730.

mesmo Princípio como transbordamento que, ao se multiplicar, dá origem aos seres. O *Retorno* (*epistrophé*) é a tendência da *Processão*, e de todos os seres que dela fazem parte, de voltar à sua fonte originária.

Método positivo e negativo. A teologia admite um e outro método e, ambos, não se contradizem entre si. O método positivo (catafático) atribui a Deus toda propriedade e identifica a divindade com os outros seres dando-lhe adjetivos, o conceituando e o considerando como sua Causa universal. O método negativo (apofático) priva a Divindade dos atributos mais altos pela abstração lógica.

2. O *Corpus Dionysiacum*

Pertencem ao *Corpus Dionysiacum* quatro escritos maiores – *De coelesti Hierarchia*, *De Ecclesiastica Hierarchia*, *De Divinis Nominibus* e *De Mystica Theologia* –, e um epistolário composto por dez cartas; sendo essa a ordem tradicional que a *Patrística de Migne*, P.G. apresenta nos tomos III e IV⁸. No entanto, são mencionados outros tratados os quais o autor refere-se em suas obras, porém não chegaram até nós ou por serem fictícios ou por se terem perdido: *Representações teológicas*, *Sobre a alma*, *Sobre o justo juízo de Deus* e *Sobre os objetos inteligíveis e os objetos do sentido*. Enfim, O *Corpus* trata de uma teologia ascensional: a Teologia simbólica ou *Representações teológicas*, como primeiro degrau da teologia afirmativa; a teologia catafática, que afirma Deus na ordem descendente; a teologia apofática, que nega os princípios afirmados pela teologia catafática, sendo de ordem ascendente; e, por fim, a *Teologia Mística*⁹.

A ***Hierarquia celeste***: O *Tratado* é composto por quinze capítulos e apresenta um rígido sistema hierárquico, com leis bas-

8. Os Tratados *De Coelesti Hierarchia*, *De Ecclesiastica Hierarchia*, *De Divinis Nominibus* e *De Mystica Theologia* aparecerão no corpo do presente texto, respectivamente, com as abreviaturas CH, EH, DN e MT. As citações diretas do *Corpus Dionysiacum* estarão classificadas pelo nome do Tratado, o capítulo, a coluna e o parágrafo, com tradução do original grego, conforme a *Patrística de Migne* P.G (ex: CH 3.264 B: *Hierarquia do Celeste*, capítulo terceiro, coluna 264, parágrafo B).
9. Cf. Teodoro H. Martin LUNAS, “Introducción”, in PSEUDO-AREOPAGITA DIONISIO, *Obras completas del Pseudo Dionisio Areopagita*, 1995; Edith STEIN, “Camino del conocimiento de Dios: la ‘teología simbólica’ del Areopagita y sus presupuestos objetivos”, in _____, *Obras completas V: Escritos espirituales*, 2004.

tante precisas, às várias classes angélicas nomeadas pelo Antigo Testamento bíblico e por São Paulo. A hierarquia, definida por Dionísio como a ordem completa das coisas santas existentes, não serve para separar Deus de suas criaturas, mas os une. Deus é a fonte onde nasce todo *ente* e participam Dele todos os seres, a Luz da Sabedoria divina desce do Pai das luzes através da hierarquia celeste até ao homem por analogia. A meta do Areopagita, nessa obra, é apontar quais as diferenças entre os nove coros angélicos, assim como sua relação recíproca¹⁰.

Ele apresenta as três subdivisões ou ordens da hierarquia celeste: a) os querubins têm compreensão profunda da luz divina e a refletem às outras classes; os serafins abrasam, queimam, com o ardor do amor divino e têm poder de inflamar seus subordinados; os tronos elevam-se sobre tudo, sendo espíritos mais elevados, pois “*recebem em toda plenitude o saber imaterial de uma luz superior*” (CH 7.208 B). b) as dominações são as do domínio celeste, pois estão isentos de toda contingência terrestre; as virtudes têm virilidade, força inquebrantável, e não permitem que nada diminua as iluminações que Deus lhes concede; as potências são alusão às potências supraterestrres, transmitida pela Potência Original, elevando as outras classes angélicas ao Arquétipo de toda potência. c) os principados têm o poder de dirigir, pois guiam de maneira semelhante a Deus; os arcanjos são classe que intercambia os principados e os anjos. E, assim como os arcanjos efetuam tal elo, da mesma maneira, os anjos atuam sobre essas classes angélicas e os homens¹¹.

A Hierarquia Eclesiástica: O Tratado é composto por sete capítulos, e estabelece um paralelo entre hierarquia celeste e terrestre. O Areopagita qualifica a liturgia, a hierarquia Eclesiástica, com dimensão muito mais ampla do que um mero ritual do qual advém os sacramentos para “consumo” pessoal: é Jesus Cristo – Deus e Homem verdadeiro –, que se acerca de seu povo, através dos ritos, da leitura da Sagrada Escritura e dos gestos simbólicos. A hierarquia terrestre imita

10. Cf. Edith STEIN, *Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996; Edith STEIN, “Camino del conocimiento de Dios: la ‘teología simbólica’ del Areopagita y sus presupuestos objetivos”, in _____, *Obras completas V: Escritos espirituales*, 2004.

11. Cf. *Ibidem*.

a hierarquia celeste, formando uma unidade a partir da ordem e da ação com o fim de assimilar a Deus. A hierarquia terrestre é mista e corpórea, e é instruída pela hierarquia dos anjos que – sendo incorpórea e inteligente-inteligível –, a auxilia por meio da contemplação, elevando-a às realidades inteligíveis¹².

Edith Stein resume, com clareza, a compreensão das duas hierarquias areopagitas:

Deus se manifesta em primeiro lugar aos espíritos puros, cuja capacidade intelectual natural é superior a nossa, e neles a luz divina não encontra nenhuma oposição interior. Eles mantêm o ofício de transmitir a luz recebida, perpetuando seu ofício na ‘Hierarquia Eclesiástica’, nos grupos humanos cujos membros estão chamados à vida e ao serviço ‘angélico’. Com espírito purificado devem receber e administrar os mistérios divinos; a eles pertence inclusive o anúncio e explicação da Palavra divina¹³.

Os Nomes Divinos: O Tratado tem treze capítulos, sendo o mais longo dos escritos, e examina os nomes mais significativos atribuídos a Deus na Sagrada Escritura. Nele, a Palavra de Deus, evocada por Dionísio como teologia, deve ser o centro na vida de seus mensageiros, os teólogos – os anjos e os da hierarquia terrestre. O Areopagita apresenta três formas de se nomear a Deus: por negação, através da causalidade e seus efeitos, e referindo-se aos nomes distintos e “supraessenciais” do Pai, do Filho e do Espírito Santo¹⁴.

No sétimo capítulo, Dionísio nos surpreende afirmando que “*Atribuímos a carência da razão àquele que está sobre a razão e a imperfeição [Deus]*” (DN 7.869 A). Porém responde que o homem conhece a Deus “[...] *pela ordem de todas as coisas, enquanto está disposto por ele [Deus] mesmo*” (DN 7.869 C). Contudo, Dionísio exorta a melhor maneira de conhecer a Deus: “[...] *a Deus se alcança não sabendo, pela*

12. Cf. Edith STEIN, *Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996; Ulysses Roberto Lio TRÓPIA, *Função do hierarca na obra "De Ecclesiastica Hierarquia" de Pseudo Dionísio Areopagita*, 1997.

13. Edith STEIN, “Camino del conocimiento de Dios: la ‘teología simbólica’ del Areopagita y sus presupuestos objetivos”, in _____, *Obras completas V: Escritos espirituales*, 2004, p. 159.

14. Cf. Claudio MORESCHINI, *História da filosofia patristica*, 2008.

união que sobrepõe todo entender.” (DN 7.872 A), isto é, a Teologia Mística.

A **Teologia mística**: O último Tratado tem apenas cinco capítulos, sendo o mais breve e se dedicando inteiramente a expor a doutrina mística do Areopagita. *De Mystica Theologia* não admite métodos em si, pois é a experiência que está além de toda ciência. O Areopagita, após tratar da teologia afirmativa, nas obras citadas anteriormente, pretende com seu último tratado apenas silenciar e fazer calar a quem o lesse. Não desejava dar explicações, pois não fazia um estudo reflexivo sobre o Mistério; porque, ao invés de ser teologia mística, seria teologia da mística¹⁵.

A mística, na doutrina cristã, é viver profundamente o mistério cristão: a união com Deus. A mística da qual trata o Areopagita leva o homem a tomar consciência e a adentrar vivencialmente no Mistério, que é o próprio Deus. Unir-se a Deus é tornar-se semelhante a Ele, e ocorre na total ignorância do *não saber*, porque aquietada toda atividade intelectual. A teologia negativa é meio e, como não é o fim em si mesma, sua finalidade é elevar o homem à união com Deus, livrando-o de erros ocorridos durante essa busca – as projeções sobre Deus¹⁶.

O **Epistolário**: É composto por dez Cartas endereçadas a Gaio, a Demófilo, ao diácono Doroteu, ao sacerdote Sosípatro, a São Policarpo de Esmirna, a Tito, ao Evangelista São João, exilado na ilha de Patmos (sobre a qual a crítica afirma não fazer parte do *Corpus*, tendo como a principal intenção a de comprovar a origem apostólica do Pseudo-Dionísio)¹⁷.

3. Influências sobre a mística do Carmelo Descalço

A Doutrina do Areopagita aparece na Espanha a partir do século X e chega até aos espirituais da época. Os estudiosos têm dúvidas de como o pensamento dionisiano chegou realmente às terras hispânicas; alguns afirmam ter adentrado indiretamente através de São Boaventura e Hugo de Balma, devido às questões da grande di-

15. Cf. Teodoro H. Martín LUNAS, “Introducción”, in PSEUDO-AREOPAGITA DIONISIO, *Obras completas del Pseudo Dionisio Areopagita*, 1995.

16. Cf. *Ibidem*.

17. Cf. *Ibidem*.

ficuldade de tradução do *Corpus Dionysiacum* para o castelhano. No entanto, outros expertos não concordam com igual parecer, pois afirmam que a obra dionisiana *De Mystica Theologia* foi chave hermenêutica do *Terceiro Abecedário* de Osuna¹⁸.

Tratar de oração na Espanha, no século XVI, era seguir a Dionísio Areopagita diretamente ou por meio de seus intérpretes: os franciscanos Francisco Jiménez, Francisco de Osuna e Bernardino de Laredo; Alonso de Cartagena (bispo de Burgos), o Cardeal Francisco de Cisneiros e São João de Ávila; os dominicanos Luís de Granada e Bartolomeu dos mártires – espirituais que difundiram a doutrina areopagita na Espanha¹⁹. Junto a esses seguidores do Areopagita, na época de ouro da espiritualidade espanhola, também aparecem os carmelitas que passavam por período importante na história de sua Ordem, em sua reforma: Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz, importantes místicos e escritores de grande significado para a Espanha.

Santa Teresa D'ávila (1515-1582): Santa Teresa leu muitos bons livros, em sua fase de conversão, como as *Cartas de São Jerônimo*, *Moralias de Jó de São Gregório Magno*, as *Confissões de Santo Agostinho*. Em sua fase de iniciação espiritual, se assim se poderia dizer, leu os escritores da corrente literária dos espirituais espanhóis que foram citados anteriormente²⁰. A seguir, aponta-se tais autores e em quais obras a Santa Teresa os cita.

Francisco de Osuna em o *Terceiro abecedário* (*Livro da Vida* 4,7; 11,6; 4 *Moradas* 3,2): nessa obra, o autor tem como foco principal o “recolhimento”, como aplicação da *Teologia mística* e negativa do Areopagita. Bernardino de Laredo em *A Subida do monte Sião* (*Livro da Vida* 23,12): afirmava chegar à união mística com Deus de modo “supraintelectual”, pensamento que herdou de Dionísio, como afirma o próprio autor. São João da Cruz: seus escritos apresentam forte

18. Cf. Lúcia Pedrosa PÁDUA, *Santa Teresa de Jesus: mística e humanização*, 2015.

19. Cf. Teodoro H. Martín LUNAS, “Introducción”, in PSEUDO-AREOPAGITA DIONISIO, *Obras completas del Pseudo Dionisio Areopagita*, 1995; Lúcia Pedrosa PÁDUA, *Santa Teresa de Jesus: mística e humanização*, 2015.

20. Cf. Frei Tomás ÁLVAREZ, *100 fichas sobre Teresa de Jesus: para aprender e ensinar*, 2011.

influência dionisiana como se verá mais adiante²¹.

Santa Teresa faz referência em *Livro da Vida* sobre a nomenclatura do Areopagita *teologia mística*: “[...] quanto ao que comecei a falar sobre a teologia mística – acho que é esse seu nome [...]” (11,5); “na teologia mística, de que comecei a falar, o intelecto deixa de agir porque Deus o suspende [...]” (12,5); “na teologia mística, ela é explicada, enquanto eu não tenho palavras para dizê-lo [...]” (18,2). Ela remete tal nomenclatura daquilo que aprendeu nos livros espirituais dos quais leu: Osuna, Granada, Laredo.

Teresa deu, entretanto, salto consistente em sua própria mística, empregando-lhe marca doutrinal original, fugindo daquela maneira e itinerário espiritual da época, contribuindo positivamente com uma mística experiencial. Segundo Tomás Álvarez, a maioria dos livros lidos pela santa são ascéticos, marcando o *místico* da literatura do Carmelo Descalço. Contudo, com a contribuição dos escritos posteriores de Santa Teresa, ocorre o equilíbrio ascético-místico, sendo essa a marca original da Madre Fundadora. Em *Castelo interior* ou *Moradas*, por exemplo, Teresa tem consciência de escrever um tratado de teologia espiritual; e conhece muito sobre a teologia espiritual apreendida nos livros lidos, mesmo afirmando o contrário (*Livro da Vida* 10; 11; 12). Ela conhece a estruturação tradicional das três vias areopagitas (purgativa, iluminativa e unitiva), mas as deixa de lado (*Livro da Vida* 22,1) optando, em *Castelo interior*, pela estrutura septenária como conceito de perfeição: as moradas têm uma gradualidade, ao mesmo tempo antropológica e teologal, e o amor expande o castelo interior do ser humano como recíproca relação de amizade com Deus, levando-o também ao amor ao próximo (5*Moradas* 3,9)²².

São João da Cruz (1542-1591): O Padre Quiroga ou José de Jesus Maria, primeiro historiador do Carmelo Descalço, afirmava que entre as matérias escolásticas que São João da Cruz estudou em Salamanca estavam os escritos de autores místicos, em particular, os de São Gregório e São Dionísio (como era aceito na época). Por causa

21. Cf. Frei Tomás ÁLVAREZ, *100 fichas sobre Teresa de Jesus: para aprender e ensinar*, 2011; Teodoro H. Martín LUNAS, “Introducción”, in PSEUDO-AREOPAGITA DIONISIO, *Obras completas del Pseudo Dionisio Areopagita*, 1995; Lúcia Pedrosa PÁDUA, *Santa Teresa de Jesus: mística e humanização*, 2015.

22. Cf. Frei Tomás ÁLVAREZ, *100 fichas sobre Teresa de Jesus: para aprender e ensinar*, 2011.

da Santa Inquisição, era muito complicado escrever sobre mística na Espanha do século XVI; porquanto, ao se querer publicar os escritos de João da Cruz em 1618, os teólogos de Alcalá e Bórgia fizeram inúmeras advertências e correções ao texto. Como era costume na época, tiveram de confrontar a doutrina de São João da Cruz com a do “Pai da Teologia mística” e encontraram satisfatórias semelhanças de doutrinas, permitindo assim sua difusão²³.

São João da Cruz cita explicitamente, em cada uma de suas obras, a afirmação: “São Dionísio e outros místicos teólogos denominam a esta contemplação infusa de Raio de treva.” (2*Subida* 8,6; 2*Noite escura* 5,3; Cântico espiritual 14,16; *Chama viva* 3,49). A influência da doutrina dionisiana aparece no autor como: o apofatismo, a purificação como próprio fruto da contemplação que ilumina, e as alegorias utilizadas pelos dois autores²⁴.

Nas obras *Subida* e *Noite escura*, de João da Cruz, encontram-se as vias purgativas e a negação das coisas sensíveis e do entendimento (1S 1,1-3; 1S 2,1; 1S 5,7; 2S 1,1-3; 2S 4,2; 2S 6,8; 2S 11,2.9; 2S 15; prólogo da 1N; 1N 1,1; 1N 8,3; 1N 9,8; 1N 15,1), e a da privação do saber (1S 4,5; 2S 4,4). João da Cruz resume, utilizando a teologia apofática dionisiana, no famoso gráfico para se subir ao monte, sua doutrina da negação total para viver a união com Deus (1S 13,11-12). Os pontos sobre “incompreensibilidade” e “inacessibilidade divinas”, a negação de imagens e conceitos para representar a Deus que é inefável, e o caráter obscuro da contemplação/teologia mística está em consonância entre os dois autores²⁵.

Quanto ao conceito “Teologia mística”, o Pseudo-Dionísio fala que é o “raio de treva” (MT1.100 A). João da Cruz, em *Noite escura* e *Subida*, o superabunda em sinônimos ao se referir à mesma: “sabedoria secreta de Deus” (2S 8,6), “contemplação obscura” (epílogo de 1N; 2N 6, 4-5), “contemplação mística” (1N 8,1), “secreta contemplação” (1N 11,2), “contemplação infusa” (1N 12,1; 2N 5,1),

23. Cf. Teodoro H. Martin LUNAS, “Introducción”, in PSEUDO-AREOPAGITA DIONISIO, *Obras completas del Pseudo Dionisio Areopagita*, 1995; Eulogio PACHO, *Diccionario de San Juan de la Cruz*, 2009.

24. Cf. Eulogio PACHO, *Diccionario de San Juan de la Cruz*, 2009; Federico Ruiz SALVADOR, *Introdução a São João da Cruz: o escritor, os escritos, o sistema*, 2007.

25. Cf. Eulogio PACHO, *Diccionario de San Juan de la Cruz*, 2009.

“divina sabedoria” (1N 12,4; 2N 4), “contemplação obscura, noite de contemplação, horrenda noite do espírito” (2N 1), “pura e tenebrosa contemplação” (2N 3,3), para se empregar alguns exemplos.

Apesar de toda a afinidade das doutrinas entre os autores, muita coisa as faz divergir. A antropologia, a filosofia e a teologia, por exemplo, são muito diferentes entre os dois: João da Cruz assume, em sua antropologia, a doutrina agostiniana das três potências da alma e o do suposto unitário escolástico; em sua teologia, João da Cruz apresenta Cristo e o Espírito Santo com papéis decisivos; diferente é a doutrina dionisiana, que não o faz. O autor espanhol trouxe o tema das três virtudes teologais, que colocam a alma nas trevas e no vazio absoluto (2S 6,1; 6,4; 7,5), coisa que não fez o Areopagita. Não há paralelismo entre o “êxtase” de Dionísio (MT 1.1000 A) e o de João da Cruz (13^a estrofe do Cântico espiritual): o dionisiano é o sair de si e de todas as coisas; o sanjuanista é a saída (e, conseqüentemente, a entrada) com matiz afetivo, ascético e catártico. Além disso, tal saída leva a uma entrada totalmente diferente entre os dois autores: em Dionísio, à “treva”; em João da Cruz, ao encontro com Cristo²⁶.

Santa Teresa Benedita da Cruz (1891-1942): Teresa Benedita, Edith Stein, não pertenceu à Espanha da época de Santa Teresa e São João da Cruz. Ela foi uma pensadora do movimento fenomenológico alemão; e, do judaísmo, se converteu ao cristianismo, tornando-se monja carmelita; que, ceifada nos campos de concentração de Auschwitz, tornou-se mártir da Igreja.

A autora era uma profunda conhecedora da doutrina dionisiana, e seu interesse pela personagem e o pensamento de Dionísio aparece primeiramente em sua obra magna *Ser finito e ser eterno*, na seção VII, que retoma o tratado a *Hierarquia celeste* do autor, fazendo-lhe um resumo de cunho fenomenológico. No entanto, é em 1940 que se dedica com afinco nos escritos do Areopagita. Primeiramente, lhe pedem colaboração na Revista americana de fenomenologia *Journal of Philosophy and Phenomenological Research* para qual Edith propõe um trabalho sobre o Areopagita. Contudo, conforme percebeu, o trabalho não ficou apropriado para a revista de fenomenologia. Porém ele foi publicado somente em 1946, *post mortem*, na revista holandesa *Tijdschrift voor Philosophie* e na revista americana *The Tho-*

26. Cf. *Ibidem*.

mist. Com este trabalho, Edith Stein teve de traduzir a obra original do Areopagita – assim como fez com a tradução da *Suma Teológica* de Santo Tomás de Aquino – para o alemão, levando-a a mergulhar no pensamento do autor. *Wege der Gotteserkenntnis. Die "Symbolische Theologie" des Areopagite nun di-hresachliche Voraussetzungen (Caminhos do conhecimento de Deus sobre o Areopagita)* foi concluída por ela ao final de maio de 1941; e recupera, a partir dos escritos dionisianos, a Teologia simbólica do autor²⁷.

A teologia negativa, na reflexão de Edith Stein, segundo Ales Bello (2014), apresenta a razão incapaz de penetrar no Mistério. Ela necessita, no primeiro momento, da fé que é conhecimento obscuro para o intelecto completar-se e se superar. E, no momento seguinte, a mística que – ao contrário da fé –, tem extraordinário poder de revelação e prefigura a visão beatífica, conduz o ser humano a tal experiência. Portanto, neste contexto, a teologia negativa tem dupla função: apresenta a grande dessemelhança entre Deus e o ser humano; e, ao mesmo tempo, apresenta a similitude entre as partes; devendo ser perseguida. Ela é um meio de elevação para Deus, que, começando de baixo, ocorre por via da teologia mística. Por fim, Teresa Benedita testemunha vivamente a respeito do autor e dos escritos areopagitas:

Mas gostaria de dizer isto: os pretendidos escritos do Areopagita são um louvor admirável à grandeza e ao amor de Deus, impregnados e penetrados de um sentimento de temor sagrado até em sua expressão verbal. Parece-me impossível atribuir um falso autor. Se existe um falso, é muito provável que outros autores tenham-se servido de suas obras. [...] Neste caso veneramos quem está sob o nome de Dionísio, a um santo desconhecido e a um dos mais influentes, se não o mais influente dos padres gregos [grifo nosso]²⁸.

Considerações finais

Apesar de o nome do autor do *Corpus Dionysiacum* ser uma incógnita, e de que não é veraz sua originalidade quanto a ser o discípulo ateniense do Apóstolo Paulo relatado em At 17,34, a doutrina

27. Cf. Francisco Javier Sancho FERMÍN, *100 fichas sobre Edith Stein*, 2005.

28. Edith STEIN, *Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996, p. 398.

provinda do autor é espiritualmente substancial e profunda, sendo capaz de prover muitos místicos ao cristianismo. A doutrina mística de Dionísio encontrou momento adequado para espalhar-se, na Espanha medieval, como o que ocorreu nas Ordens religiosas – dentre elas, a da Ordem Carmelitana –, que careciam de adequado alimento espiritual.

Santa Teresa de Jesus, procurando vida de oração mística, como encontro com Deus, buscou-a em muitos livros espirituais; e, por meio desses escritores, teve contato com o Areopagita. No entanto, a Madre Fundadora deu novo matiz ao que apreendeu e, estruturando sua própria doutrina, equilibrou ascese e experiência pessoal, repassando-a ao que viria a se constituir o Carmelo Descalço.

O Doutor Místico e coadjutor de Santa Teresa foi o mais influenciado pela Doutrina areopagita. São João da Cruz teve, no entanto, marca original em seus escritos: afirmou que as virtudes teológicas – a fé, a esperança e a caridade – purificam àqueles que se decidem caminhar na contemplação; e nessa saída, no êxtase, são levados a um encontro pessoal com Jesus Cristo, não permanecendo apenas na obscuridade. Entretanto, para a união com Deus, se faz necessário desapego, abnegação e renúncia a tudo quanto seja obstáculo para subir ao cume do Monte – o sensível, o intelectual e, até, o espiritualismo. A noite escura purifica a todos àqueles que se aventuram a subir o monte pela fé; o “nada saber” silencia as palavras e pensamentos que apenas estorvam o espírito límpido, capaz de receber a luz do alto.

Santa Edith Stein obteve contato direto com a doutrina do Areopagita, tornando-se exímia conhecedora do “Pai da mística”. Isto é percebido pelas obras de altíssimo nível intelectual filosófico-teológico que deixou com comentários a respeito de Dionísio Areopagita. A razão humana, afirma a autora, à luz de sua experiência pessoal, torna-se insuficiente diante do dado da fé que compromete a pessoa por inteiro, pois deve deixar-se iluminar pela Sabedoria obscura de Deus.

A influência místico-doutrinal dionisiana sobre a mística do Carmelo Descalço é inegável, afinal aparece nos escritos de seus fundadores e de seus discípulos. No entanto, é perceptível o desfecho original que cada um deles deu a tal influência: ascese e mística caminham juntas no Carmelo de Teresa de Jesus, não havendo contra-

posição entre elas na mística carmelitano-teresiana.

Referências

- ÁLVAREZ, Frei Tomás. *100 fichas sobre Teresa de Jesus: para aprender e ensinar*. São Paulo: Edições Carmelitanas, 2011.
- DIONISIO, Pseudo-Areopagita. *Obras completas del Pseudo Dionisio Areopagita*. 2. ed. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995.
- FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *100 fichas sobre Edith Stein*. Burgos: Monte Carmelo, 2005.
- LUNAS, Teodoro H. Martin. "Introducción". In PSEUDO-AREOPAGITA DIONISIO. *Obras completas del Pseudo Dionisio Areopagita*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995.
- MORESCHINI, Claudio. *História da filosofia patrística*. São Paulo: Loyola, 2008 (Título original: Storia della filosofia patrística).
- PACHO, Eulogio. *Diccionario de San Juan de la Cruz*. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2009.
- PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. *Santa Teresa de Jesus: mística e humanização*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- SALVADOR, Federico Ruiz. *Introdução a São João da Cruz: o escritor, os escritos, o sistema*. São Paulo, 2007.
- SPANNEUT, Michel. *Os Padres da Igreja: séculos IV – VIII*. São Paulo: Loyola, 2002.
- STEIN, Edith. "Camino del conocimiento de Dios: la 'teología simbólica' del Areopagita y sus presupuestos objetivos". In _____. *Obras completas V: Escritos espirituales*. Burgos: Monte Carmelo, 2004.
- _____. *Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*. 2ª ed. México: Fondo de cultura económica, 1996.
- TRÓPIA, Ulysses Roberto Lio. *Função do hierarca na obra "De Ecclesiastica Hierarquia" de Pseudo Dionísio Areopagita*. Roma: Pontificia Universidade Agostiniana, 1997. (Mestrado em Teologia).